

# Voltemos-nos para o campo

Especial para A GAZETA, por MENOTTI DEL PICCHIA,  
da Academia Brasileira de Letras.

O fenomeno da hipertrofia dos nucleos urbanos e do despovoamento dos campos tem origens complexas. Multiplos são os fatores que determinam esse movimento das massas modernas e causas as mais diversas fazem com que em varias partes do mundo o homem rural procure a cidade.

A mais importante é, naturalmente, o progresso da tecnica e o da difusão e socialização dos conhecimentos. Quando, por falta de informação e instrução, os grupos rurais dormitavam na ignorancia e quando ainda o motor a explosão não tornara os campos um mero quintal da cidade, o homem da gleba se radicava à terra. Sua locomoção era tarda e difficil. Não tinha o caminhão, a jardineira à disposição para transformar em algumas dezenas de minutos o que antes era viagem de horas.

Por outro lado, o jornal, a revista, o cinema e, depois, o radio, socializaram os conhecimentos e, com eles, o prazer que o homem pode tirar da sua urbanização. Desde esse instante a cidade se transformou no chamariz sedutor e fascinante de todos.

Para acentuar a força imantada da cidade, a politica criou o burocratismo farto e enxundoso. Premio à dedicação do chefe sempre foi o encosto do filhote num departamento de Estado. A massa imensa de funcionarios está aí a provar quanto o filhotismo politiquero concorre para a deslocação de energias uteis, estagnando-as no "otium sine dignitate" da função não cumprida mas bem paga. Com metade do funcionalismo de que dispomos, a maquina do Estado trabalharia com mais eficiencia e perfeição.

A crescente industrialização e a sedução do salario mais alto — fator maximo dessa migração rumo do nucleo urbano e o absoluto descaso do governo para as condições, a fisiologia e os metodos tão arcaicos do nosso trabalho agricola — foram a pá de cal na nossa imperiosa necessidade de fixação do braço rural ao campo. A alarmante baixa de produção em quantidade e qualidade representou a paga economico-social de tantos males sem cura e erros sem correctivo. Hoje nos lastimamos não apenas de um desequilibrio entre as forças da produção — as industriais e as agricolas — sendo certo que não há industria próspera sem campo fecundo (produção de materlas primas), nem comercio rico sem comprador abonado (massas campesinas prosperas).

Que fazer diante desse dramatico problema? Apenas isto: olhar para o campo.

Em primeiro lugar, si olharmos para o campo, veremos o tragico abandono em que vive o nosso trabalhador rural. Ele é ainda o que Lobato retratou com ferozes e veridicas tintas. Tanto se fez, com razão, pelo operario urbano e na orfandade assistencial se largou o trabalhador rural. O fazendeiro que vende o café por preço estratosferico, não se lembrou sequer de criar, como os industriais guiados pelo iluminado Roberto Simonsen, um Sesi agricola. Das fabulosas quantias que levanta com a venda do café não deixou de parte uma quota para criar uma politica assistencial do homem do campo. Dessarte a iniciativa particular supriria a eterna desidia das nossas administrações. Ele lá está morando em pardieiros, comendo errado, sem higiene, sem assistencia cultural e sem divertimentos. Um trabalhador degradado na saude e no espirito não produz o que poderia produzir. Essa politica, alem de socialmente criminosa, é economicamente suicida. Está no interesse do agricultor revitalizar a energia humana que movimenta a maquina de produção rural.

Sou dos que pensam que não é a terra, nem a erosão, nem a qualidade dos produtos, nem o empobrecimento quimico do solo que determinam nossa estúpida e alarmante crise de produção agricola. A tecnica moderna, com os processos racionais de cultivo, a mecanização da lavoura, a industria dos fertilizantes, resolvem todos esses problemas. O nosso mal é olhar para esse triste quadro e ataca-lo com a demagogia governamental do microfone e dos artigos pagos nos jornais... Ponham os fazendeiros, si fôr preciso, de lado o politiquismo dos governos e organizem seus Sesis e, através da sua propria iniciativa, levantem um mapa de suas necessidades e ataquem frontalmente esses problemas vitais para a sorte do país. Olhemos uma vez por todas para o campo. Cuidemos do nosso homem rural.

# Fora de forma e de prefacio

(Prefacio de "Memorias de um Ajudante de Ordens")

(TITO LIVIO FERREIRA)

Historiador e jornalista, Luiz Tenorio de Brito alia, com elegancia e clareza, a arte de bem evocar à arte de bem escrever, nesta quadra tumultuaria, marcada pelas forças da indisciplina social decorrente da indisciplina dos espiritos. Por isso mesmo o bom gosto literario anda hoje acutilado bravamente pelos obreiros da pena, cujo linguaajar semelha, na sua rudeza, a algaravia dos senhores medievais, identificados como estão, estes e aqueles, pela ausencia de estilo. E daí nem sempre a gente entender bem a ambos, quando se apresentam na arena do pensamento, carrancudos e asperos, de pena alçada ou de lança em riste prontos para defenderem o pão nosso de cada dia, porque desse alimento vive o homem.

Nesse caso ao alistar-se entre os cidadãos da pena, depois de ter militado entre os homens de armas, o autor deste livro "sentou praça de soldado", conforme se dizia outrora, nos arraiais da imprensa e logo cerrou fileiras na defesa da boa linguagem, para comentar, em breves artigos, os fatos da historia contemporanea. E assim, Luiz Tenorio de Brito entra para o serviço das Letras com o pensamento no seu xará, o Luiz Vaz de Camões, cujos decassílabos dos "Lusiadas" (canto X, CLIII) podia repetir:

"A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na

[fantasia,  
Sonhando, imaginando, ou

[estudando,  
Sinão vendo, tratando e pelejando".

Tempo adiante, o jornalista ingressa no Instituto Historico e Geografico de São Paulo. Logo entra a pesquisar o pretérito e a reviver personagens de outros tempos, sem perder o contacto com a vida e os dias de hoje. E, si lá ingressa com as honras do oficialato, forma depois no estado maior da instituição, ao ser eleito, no ano da graça de 1950, seu primeiro secretário.

Vemos então, entre o presente discutido no jornal e o passado remoto entrevisto nas paginas dos documentos, Luiz Tenorio de Brito sediar seu campo de ação nesta primeira metade do seculo e procurar surpreender ocorrencias de ontem, para fixá-las em "Memorias de um Ajudante de Ordens", onde o escritor passa em revista os dias de sua carreira militar, na paz e na guerra, e as horas mais intensas de sua vida civil. Por isso o historiador assiste a episodios e toma parte neles, discutindo-os. E presta o seu depoimento sobre esses fatos politicos e sociais desenrolados através de quatro decenios da Historia de São Paulo.

De inicio, Luiz Tenorio de Brito pensa em dar ao livro o nome de "Reminiscencias de quatro instituiçoes", porque, nos seus capítulos

zado com o titulo de "Memorias de um Ajudante de Ordens".

Fica-lhe bem o nome, porque nestas paginas coloridas pela emoção e pela sensibilidade, Luiz Tenorio de Brito revive episodios curiosos dos grupos sociais do Rio, de Campinas e de São Paulo; das revoluções de 1924, 1930 e 1932, tão diferentes nos seus objetivos e no seu idealismo; das sociedades campineira e paulistana, quando havia certa estabilidade economica e mais quietação ambiente na terra de Carlos Gomes e na metropole de Manuel da Nobrega.

Dessa existencia compassada e tranquila, vivida na terra campineira antes da primeira guerra mundial, Luiz Tenorio de Brito relembra e reaviva impressões duradouras. E, coisa extraordinaria! quando este se retira de Campinas chego eu nas suas pegadas.

Assim, vesperava a guerra de 1914-1918, quando um belo dia de fevereiro daquele ano dei comigo na então cidade das andorinhas. Vinha da Escola Normal "Sud Mennucci", em Piracicaba, transferido para a Escola Normal "Carlos Gomes", afim de concluir o meu curso de normalista. Mais tarde, quando nos meus calcanhares se fecha a porta da minha primeira mocidade e punha eu os pés na soleira da segunda, cheguei ainda a "passer mon droll". E bacharelei-me em direito como toda a gente.

Mas isso é outra historia. Façamos mela volta. Entestemos a primeira mocidade, quando Luiz Tenorio de Brito deixa a "Princesa do Oeste" e lá me instalo, proveniente da "Noiva da Colina". Logo me arranchei numa pensão da rua Dr. Quirino, rente à Benjamin Constant. Dall mudel-me no mês seguinte para a Pensão Suíça, na rua Campos Sales, onde antes se aboletara o Tenorio de Brito. Mais tarde passei para a Pensão Soares, na Avenida Andrade Neves, junto ao Forum. Por essas alturas já ele fizera "seu pé de alferes". Segualhe os traços, mas nem por isso ele era meu conhecido. E esse conhecimento só se verificou um quarto de seculo mais tarde, já na terra de Manuel da Nobrega.

Mas os meus companheiros desertam a Avenida Andrade Neves. Fundamos então uma "republica" junto aos armazens da Mogiana, no alto da rua Barreto Leme. Malograda a experiencia, porque não era essa a republica de nossos sonhos, fomos parar na Pensão Alvarenga, na rua Conego Cipião. Voltei ainda a morar na Pensão Suíça. Mas a sombra do tenente Tenorio não mais por ali transitava. E ainda arranchei alguns meses de quebra para morar numa pensão da rua José Paulino, esquina da rua Marechal Deodoro, onde completei o curso e o giro de cidade.